Como Yemoja passou de Orisa do rio na África para Orisa do mar no Brasil

orisabrasil.com.br/Loja/como-yemoja-passou-de-deidade-da-agua-do-rio-na-africa-para-agua-do-mar-no-brasil/

Orisa Brasil -Por Renata Barcelos

01/02/2017



Dia 2 de Fevereiro definitivamente é o dia mais conhecido para cultuar Yemoja no Brasil.

Debates intensos, precisamos começar assim! É a maneira que encontramos para tentar remontar o caminho que Yemoja pode ter percorrido para sair da África, da terra Yoruba (Nigeria e Benin), como uma deidade principal do RIO ÒGÙN, para então se tornar na diáspora a Rainha do mar.

Precisamos também lembrar que mesmo na terra Yoruba, ela sendo deidade principal do rio, não é errado cultuá-la no mar, ela pode ser cultuada em todo corpo de água, assim como Osun e outras Orisa ligadas a água.

Não pretendemos fazer aqui uma tese de doutorado, e tão pouco dar a todos a conclusão final. Apenas queremos compartilhar com vocês nossa trajetória até aqui.

Já Ouviu está canção?

(candomblé ketu)
Ògùn ó Yemọja Ògùn ó Yemọja
Ẹ lódò ẹ lódò ṣà wẹ̀ a Ògùn ó Yemọja
Ìyá àwa ṣé wẹ̀
Yemọja dó ó rere Yemọja
Ìyá àwa ṣé wẹ̀

Yemọja dó ó rere Yemọja

Ògùn (rio) é de Yemọja
Ògùn (rio) é de Yemọja
(Ẹ lódò ẹ lódò ṣà wẹ̀ a Ògùn ó Yemọja – dona do rio é dona do rio, O **Ògùn (rio) é de Yemoja)**
Aos seus pés, Aos seus pés
Lá escolheu se banhar
Ògùn (rio) é de Yemọja
A mãe nos banha
Yemọja nos abençoa, Yemọja
A mãe nos banha
Yemọja nos abençoa, Yemọja.

Transcrição da letra: Cantando para os Orixás – Altair t'Ògún – Por Diego Miguel.

E está?

(candomblé Ketu)
Orin Yemọja:

Ìyá àgbà ó dé re ṣe
A kì ẹ Yemọjá
A kọkọ pè ilé gbè Awoyo
Odò fi a ṣá wẹ̀ rẹ̀ ó

Tradução:
A velha mãe chegou, ela é gentil
Primeira que chamamos, ela nos protege Awoyo
Ela nos escolheu e nos leva até o **rio** dela para nos lavar

Tradução: Diego Miguel

veja na parte inferior da pagina as canções recolhidas por Altair t´Ògún de no candomblé Ketu (adicionado em 3/02/207) e outras canções.

Por Renata Barcelos:

Estudei o caso de Salvador por entender que ali estão os primeiros cultos afro descendentes aos Orisa.

Yemoja chegou no Brasil como deidade da água doce assim como é conhecida em terra Yoruba.

Seu nome YEYE OMO EJA – Mãe dos filhos peixe, criou atração dos pescadores, que passaram a cultuá-la devido a escassez de peixes na Praia Rio Vermelho (Praia de água salgada em Salvador) por volta de 1920 – 1924, levando então o culto da água doce para o mar.

Com os anos, o que foi uma simples oferenda, passou a ser ritual e a atração começou a popularizar e entrar no calendário de Salvador substituindo a festa a Sant´ana que era realizada no local. Não acho neste caso que foi um sincretismo religioso mas sim, que Yemoja foi adotada pelos pescadores que abandonaram então o santo católico

Jorge Amado por volta de 1940 compra uma casa na Praia Rio Vermelho em Salvador, mas já em 1936 no seu livro Mar Morto refere-se a Yemoja como a "senhora dos Oceanos'" ajudando a disseminar a informação depois outros autores, musicas, traduções do Yoruba de forma equivocada, fortaleceram Yemoja como rainha do mar.

Incluo que Jorge Amado sabia da origem de Yemoja, em um trecho especifico fala que ela Mora mesmo na pedra do Dique, em menção clara a ao dique do tororó de águas doces onde seu culto era realizado

anteriormente ao mar:

> O oceano é muito grande, o mar é uma estrada sem fim, as águas são muito mais que metade do mundo, são três quartas partes e tudo isso é de Iemanjá. No entanto, ela mora é na pedra do Dique do cais da Bahia ou na sua loca em Mont Serrat. Podia morar nas

O fato de Yemoja ser adotada por pescadores fez com que alguns também a a reconhecessem como Nossa Senhora dos Navegantes que tem sua Festividade católica no dia 2 de fevereiro junto com Nossa Senhora das Candeias.



O ponto de partida começou mesmo lá na África, precisei descobrir se de alguma maneira Yemoja era cultuada no mar em terras Yorubas, depois de conversar com inúmeros sacerdotes, encontrei dezenas de fotos, registros de muitos cultos de Yemoja em terra Yoruba todos realizados em rios. Tamanho foi nosso encontro que criei com outras pessoas uma página no facebook chamada @yemojaolodo, e também um grupo no facebook chamado de Yemoja Olodo A senhora do rio. Durante meses, toda nova descoberta foi compartilhada nestes canais, seja uma foto do culto, um sacerdote falando ou um livro. Sendo assim, está armazenada toda a fonte de pesquisa que não deixa dúvidas que Yemoja sempre foi e ainda é a deidade do RIO para os Yorubas. Sendo Olokun a deidade suprema do Mar.

(https://www.facebook.com/groups/1715532108774477/ e https://www.facebook.com/yemojaolodo/)

ou para quem quiser ver algumas imagens do culto de Yemoja na Nigéria: http://orisabrasil.com.br/Loja/yemoja-

em-terras-yorubas/

Para deixar aqui em registro, Willian Bascom em coleta dos Itan de Odu em terra Yoruba publica em sexteen cowries, 5 versões de um itan colhido em varias regiões onde Yemoja tem o mesmo destino – se transforma no Rio ògùn

Ogunda – (Odu Oosa – erindilogun)

…

Como um jogo, como uma piada,

Ela caiu no chão e virou um rio

É o rio que todos chamam de Rio Ògùn

A esposa de Okere é o Rio Ògùn

E no mesmo dia sua segunda esposa se tornou um rio

Ela é o Rio Ofiki.

…. (Traduzido do original em inglês por Renata Barcelos)

Assim sendo, Yemoja sai da Nigéria e Benin como Deidade do RIO, e chega no Brasil como deidade do RIO. Claro a natureza dos Orisa preservada para formação dos cultos afro brasileiros.

Outro fato que comprova que a informação Africa – Brasil chegou corretamente é que a saudação até hoje mais utilizada para Yemoja é

ODO IYA = Mãe do Rio, sendo que mãe do mar em Yoruba seria OKUN IYA (da versão brasileira de saudação – Baba Nathan Lugo aponta que o correto seria Iya Olodo – mãe do rio – odo iya é rio de mãe… ou seja para falar mãe do mar.. seria: IYA OLOKUN, e Olokun já é a Orisa)

Abaixo vários Orin (cantigas de candomblés Ketu colhidas) onde falam de Yemoja como deidade do rio.

Vídeo com algumas cantigas de candomblé Ketu, traduzidas como Rio:

Raymundo Nina Rodrigues, no Livro Africanos do Brasil de registro de até 1940, registra: Yemoja nesta cidade é a deusa do Dique, fala inclusive da visita ao Gontois em 1899 e ainda diz que Olukun (mar) é pouco conhecido entre nós. Dique – referente ao Dique do Tororó em salvador, uma represa de água doce construída no seculo 17 em um vale natural.

Edison Carneiro (1936, p. 54), ao escrever sobre as religiões negras, afirma que Iemanjá mora no Dique do Tororó e que os adeptos do candomblé faziam oferendas para a Mãe d'Água nesse local. No entanto, a partir de 1924, as homenagens passaram a ser realizadas com mais freqüência no mar.

Mesmo com a extensão litorânea do mar ser maior, o dique do tororó aparece como local de culto de deidades ligadas a água, poderíamos aqui supor que as distancias dos primeiros candomblés para o dique eram mais próximas que o mar mas, lembrando.. Osun não se torna deidade do mar apenas Yemoja e também partimos do principio que a informação chegou corretamente da Africa: Yemoja a deidade do rio Ògùn.

Como Yemoja foi parar no mar? remontando a historia do 2 de fevereiro e a Praia do rio Vermelho.

Profa. Dra. Edilece Souza Couto(UFBA) relata: Até o início do século XX o Rio Vermelho tinha a atividade principal atividade econômica era a pesca e onde a elite costumava passar o verão.
Segundo os folcloristas Manoel Querino (1946, p. 127-130) e Hildegardes Vianna (1983, p. 27), que colheram informações no local, a primeira festa religiosa na praia era para Sant´Ana e aconteceu na segunda década do

século XIX.

Em 1924, um século após a realização da primeira festa, aconteceu o segundo conflito. A pescaria não estava dando os resultados esperados. **Os pescadores começaram a ouvir dos próprios compradores que eles deveriam oferecer um presente à Mãe d’Água. No primeiro momento, ficaram temerosos de realizar aquela “bruxaria”, desconfiados quanto à eficácia de tal ato. Resolveram mandar celebrar uma missa na igreja e, em seguida, partiram para alto-mar a fim de oferecer o presente, composto de perfume e flores.** Não demorou muito tempo para surgirem comentários de que os pescadores não estavam realizando o ritual corretamente. Era preciso buscar ajuda de alguém que conhecesse bem o culto da Mãe d’Água. Eles solicitaram os serviços de Júlia Bogun, mãe-de-santo do Candomblé. Ela explicou como deveria ser um presente para Iemanjá, de acordo com o preceito africano. O presente foi colocado na Casa do Peso e depois encaminhado ao mar na chamada segunda-feira gorda, último dia da festa de Sant’Ana (PORTO FILHO, 1991, p. 96).

A data de 2 de fevereiro para a oferenda à rainha do mar só foi oficializada no final da década de 50, quando o presente passou a ser denominado Festa de Iemanjá. Esse é também o dia no qual os católicos festejam Nossa Senhora das Candeias. No entanto, é provável que a data não tenha sido adotada em função da homenagem a Nossa Senhora. Um texto escrito por José Pedreira (1951, p. 1), fala da entrega do presente da Mãe d’Água no dia 4 de fevereiro, sinal de que ainda utilizava-se uma data móvel entre o início do mês e o Carnaval.
Tudo indica que a primeira festa realizada em 2 de fevereiro tenha sido a de 1959, ainda como um presente para a Mãe d’Água dentro dos festejos de Sant’Ana

Outras fontes:

“A casa do peso(casa que fica na Praia do Rio Vermelho) servia para a pesagem e vendagem do peixe que começou no ano de 1919, nessa casa nasceu o presente da mãe d’água como era chamada pelos pescadores do local. Depois do primeiro presente para Yemanjá no ano de 1924, a Casinha dos pescadores tornou-se um local sagrado dos adeptos do candomblé. Em 1972 tornou-se a Casa de Yemanjá. “(http://www.irdeb.ba.gov.br/tve/catalogo/media/view/620)

“Conta a história que, originalmente, foi no Dique do Tororó que os 25 pescadores de 1923, após uma escassez de peixes no Rio Vermelho, mandaram colocar o primeiro presente, feito com uma caixa de sapato. A obrigação foi cumprida pela ialorixá Julia do Bogun. A festa começou, timidamente, 1924, timidamente, mas só ganhou o vulto que existe hoje na década de 60.”
http://www.bahia.com.br/noticias/multidao-vai-ao-rio-vermelho-reverenciar-o-orixa-iemanja/

A data de 2 de fevereiro para a oferenda à rainha do mar só foi oficializada no final da década de 50, quando o presente passou a ser denominado Festa de Iemanjá. Esse é também o dia no qual os católicos festejam Nossa Senhora das Candeias. No entanto, é provável que a data não tenha sido adotada em função da homenagem a Nossa Senhora. Um texto escrito por José Pedreira (1951, p. 1), fala da entrega do presente da Mãe d’Água no dia 4 de fevereiro, sinal de que ainda utilizava-se uma data móvel entre o início do mês e o Carnaval.
Tudo indica que a primeira festa realizada em 2 de fevereiro tenha sido a de 1959, ainda como um presente para a Mãe d’Água dentro dos festejos de Sant’Ana (Profa. Dra. Edilece Souza Couto(UFBA)

Ouras FONTES:

Registros de até 1940 no Brasil: yemanjá é nesta cidade a deusa do dique, mimoso lago situado a meio caminho do rio vermelho de que nasce o pequeno Lucaia.
Para os negros e mestiços brasileiros, o mito de yemanjá se confunde com a mãe d água e o da sereia sob cujo a forma e esfigie a representam. No canbomble dos Gontois dos fins dos anos 1899, tive ocasião de ver como ídolos de yemanjá e oshun, duas sereias de gesso barato, mandadas vir do Rio de Janeiro, uma prateada, Yemanjá, a outra dourada a bronzilho, oshun, oshumare, o arco-íris, é muito popular entre nós: ao contrário olokun, o mar, é quase desconhecido, a hidrografia tem pois, na , mitologia nago deste Estado, uma forma menos elevada que a litolatria.

CURIOSIDADE – Rio Vermelho já tinha sua magia:

Século XIX —

"A antiga aldeia dos pescadores ganhou fama com a descoberta de possuir 'águas milagrosas'. Inúmeras pessoas chegavam atraídas pelos banhos de mar nas 'águas medicinais' do Rio Vermelho, que segundo crença popular curavam até beribéri, uma doença que na época fazia vítimas fatais.

Raymundo Nina Rodrigues

Os Africanos no Brasil

Rio de Janeiro
2010

centro edelstein de pesquisas sociais
www.centroedelstein.org.br

Centro Edelstein de Pesquisas Sociais
www.centroedelstein.org.br
Rua Visconde de Pirajá, 330/1205
Ipanema - Rio de Janeiro - RJ
CEP: 22410-000. Brasil
Contato: bvce@centroedelstein.org.br

templo e em torno mais tarde se desenvolveu a cidade de *Kusô*. Em *Oyô* houve, porém, recalcitrantes que não acreditaram na transformação de *Changô* e zombando continuavam a afirmar que o rei se tinha enforcado. Para puni-los, disseram os interessados, *Changô* suscitou violento temporal em que matou muita gente com as pedras do raio e ateou fogo à cidade. Ali descobriram e pregaram os sacerdotes que estava manifesto o castigo de *Changô*, pelo que a população caiu sobre os recalcitrantes e os sacrificou, o que acalmou a cólera do terrível *orichá*.

Changô é por ventura o *orichá* mais popular entre os Negros e Mestiços da Bahia. Posto que os mitos recentes lhe estejam dando armas e instrumentos de metal, *Changô* é em rigor uma manifestação litólatra. O seu cognome *Dzakutá*, atirador de pedras, claramente o indica. Os Nagôs passaram já de muito tempo a idade da pedra e nem mais dela conservam memória. Por isso dão aos instrumentos de pedra que encontram nos país uma origem divina: são armas de *Changô*. Era de prever que o culto dos meteoritos, dos machados de pedra, pedras do raio ou corisco, dos Brancos e Índios, facilmente se havia de incorporar ao mito iorubano de *Changô*. E, de fato, é talvez a litolatria dos meteoritos e machados de pedra a forma mais geral do fetichismo da nossa população mestiça. Nela se confundem os casos de adoração dos penhascos e grandes pedras dos campos e estradas. O caso do reino encantado de Pernambuco é dela uma sobrevivência em evocação vesânica: a pedra de *Ogun*, que descrevi no *Animisme Fetichiste*, é um exemplo da sua manifestação atual. Como nos há de mostrar o exemplo de todos os outros grandes departamentos do fetichismo africano, aqui em escala ascendente se pode remontar da adoração da pedra fetiche à divindade antropomórfica em que se transforma o fenômeno físico do trovão e do raio.

No que concerne às outras divindades meteóricas, a intenção africana vai-se apagando ou se transformando em adaptações locais.

Na falta do rio *Ochun*, a orichá *Ochun* se converte numa espécie de naiade, a divindade das fontes e regatos. Por isso que não temos o rio *Ogá*, a *orichá* se converte entre nós na deusa das tempestades e tormentas, muito temida pelos nossos Negros em lembrança, que se conserva viva, das suas lutas violentas com *Changô*, de quem é esposa. Convém advertir, porém, que entre nós os Negros mais a designam pelo nome de *Yansan* que dei no *Animisme*, mas que não encontro em Ellis. *Yemanjá* é nesta cidade a deusa

251

do Dique, mimoso lago situado a meio caminho do Rio Vermelho e de que nasce o pequeno rio Lucaia. Para os Negros e Mestiços brasileiros, o mito de *Yemanjá*[6] se confunde com o da mãe-d'agua e o da sereia sob cuja forma e efígie a representam. No *candomblé* dos Gantois dos fins do ano de 1899, tive ocasião de ver Como ídolos de *Yemanjá* e *Ochun*, duas sereias de gesso barato, mandadas vir do Rio de Janeiro, uma prateada, *Yemanjá*, a outra dourada a bronzilho, *Ochun*. *Ochunmarê*, o arco-íris, é muito popular entre nós: ao contrário *Olokun*, o mar, é quase desconhecido. A hidrolatria tem, pois, na mitologia nagô deste Estado, uma forma menos elevada do que a litolatria.

V. Da fitolatria nagô emerge, ao contrário, *Ifá*, um dos *orichás* mais afamados. O culto fetichista das plantas, das grandes árvores sobretudo, é muito extenso entre os nossos Negros e Mestiços. O prestígio mágico das palavras cabalísticas e das rezas só encontra rival na virtude de certas folhas. E procede daí a crença de que os Negros são muito versados no conhecimento das plantas venenosas. É no tronco das árvores sagradas que se fazem muitos dos sacrifícios e é pela distribuição de comida (sacrifício) às árvores do terreiro que se iniciam muitas das danças públicas dos *candomblés*. Em tais festas, acham-se estas árvores cercadas de palmas e de uma sebe em cujo recinto à noite se acendem luminarias e se faz a matança de alguns animais.

Irôco, a grande gameleira das folhas largas, é notável pelo culto popular que a cerca. Nas estradas e nas matas encontram-se frequentemente quartinhas de água em torno dos troncos. No centro desta cidade se vão tornando raros os *Irôcos*. Os mais próximos são os dos caminhos do Retiro e do Rio Vermelho. Em tempo foram afamados o do Politeama, o do Campo da Pólvora, o do Garcia etc... Por via de regra estas plantas são antes residências de santos ou espíritos do que propriamente deuses. Todavia persiste na população a crença na animação direta da planta, de sorte que para cortá-las seria cometer um sacrilégio, como para logo havia de provar o sangue e não água ou seiva, que da ferida correria.

[6] A "mãe-d'água" será talvez de origem africana, sendo presumível não ser dos índios, em cujo idioma não encontramos termo para o exprimir. Gonçalves Dias: *Obras Póstumas*, pelo Dr. H. Leal, vol. VI, Maranhão, 1869, pág. 130, *in nota*.

252

"(http://www.ubaldomarquesportofilho.com.br/paginas.aspx?id=194&tipo=2)

JORGE AMADO EM 1936 – Livro Mar Morto

Sexto capítulo – Iemanjá dos cinco nomes



Dique do Tororo em 1920

"Ninguém no cais tinha um só nome, inclusive Iemanjá, que tinha cinco nomes doces, conhecidos por todos:

IEMANJÁ, seu verdadeiro nome, dona das águas, senhora dos oceanos."

"É Iemanjá que "é dona do cais, dos saveiros, da vida deles todos… Ela é seréia, é a mãe-dágua, a dona do mar…"

"Para os marítimos da Bahia, o mar, não é "a outra" nas suas vidas. Ao contrário, ele ocupa o lugar central. Em segundo lugar ficam as mulheres que esperam por eles no cais, e que eles sabem que um dia deixarão para ir ao encontro de Iemanjá. Êles têm plena consciência de que pertencem a ela. Tanto isso é verdade, que eles relutam contra o próprio casamento e a vida em família.: "Dizem os velhos, diz a canção, os homens do cais não devem casar."

Relata também que outros pontos de água doce cultuavam Yemoja:

O pai de santo Anselmo era quem organizava as festa de Iemanjá, presidia as macumbas e, com ordem dela, curava as doenças. No Dique, nas Cabeceiras, em mar Grande, em Gameleira, em Bom Despacho e na Amoreira, seu dia é 2 de fevereiro. Já em Monte Serrat, onde a festa é a maior, seu dia é 20 de outubro. Porém todos se uniam para festejar Iemanjá.

Jorge Amado – Mar Morto em 1936:

Casa de Jorge Amado no rio Vermelho:

levam-lhe presentes, cantam para ela.

O oceano é muito grande, o mar é uma estrada sem fim, as águas são muito mais que metade do mundo, são três quartas partes e tudo isso é de Iemanjá. No entanto, ela mora é na pedra do Dique do cais da Bahia ou na sua loca em Mont Serrat. Podia morar nas cidades do Mediterrâneo, nos mares da China, na Califórnia, no mar Egeu, no golfo do México. Antigamente ela morava nas costas da África que dizem que é perto das terras de Aiocá. Mas veio para a Bahia ver as águas do rio Paraguaçu. E ficou morando no cais, perto do Dique, numa pedra que é sagrada. Lá ela penteia os cabelos (vêm mucamas lindas com pentes de prata e marfim), ela ouve as preces das mulheres marítimas, desencadeia as tempestades, escolhe os homens que há de levar para o passeio infindável no fundo do mar. E é ali que se realiza a sua festa, mais bonita que todas as procissões da Bahia, mais bonita que todas as macumbas, que ela é dos orixás mais poderosos, ela é dos primeiros, daqueles de onde os outros vieram. Se não fosse perigoso demais poder-se-ia mesmo dizer que a sua festa é mais bela que a de Oxalufã, Oxalá velho, o maior e mais poderoso dos orixás. Porque é uma beleza a noite da festa de Iemanjá. Nessas noites o mar fica de uma cor entre azul e verde, a lua está sempre no céu, as estrelas acompanham as lanternas dos saveiros, Iemanjá estira preguiçosamente os cabelos pelo mar e não há no mundo nada mais bonito (os marinheiros dos grandes navios que viajam todas as terras sempre dizem) que a cor que sai da mistura dos cabelos de Iemanjá com o mar.

O pai de santo Anselmo era o porta-voz dos marítimos perante Iemanjá. Macumbeiro da beira do cais, antes fora marinheiro, andara pelas terras da África aprendendo a língua verdadeira deles, o significado daquelas festas e daqueles santos. Quando voltara, deixara o navio de uma vez e se detivera no cais em substituição a Agostinho que morrera. Era agora ele quem fazia as festas de Iemanjá, quem presidia as macumbas do Mont Serrat, quem com ordem de dona Janaína curava doenças, dava bons ventos aos saveiros, mandava para longe as tempestades frequentes. Não havia naquela beira de cais e naquele mundão d'água quem não respeitasse o Anselmo, que já andara na África e rezava em nagô. Sua carapinha branca fazia com que se descobrissem todas as cabeças dos homens do cais e das canoas.

Não era tão fácil assim ser da macumba de pai Anselmo e era preciso ser bom marítimo para um negro se sentar entre os ogãs de Iemanjá cercado pelas feitas que dançavam. Guma, mulato claro, de cabelos longos e morenos, se sentaria em breve numa das cadeiras que ficavam em volta do pai de santo, na sala do candomblé. Desde que trouxera o *Canavieiras* na noite do temporal sua fama corria de boca em boca, e estava provado que Iemanjá o favorecia. Não demoraria assim a se sentar entre os ogãs, cercados das feitas. Na próxima festa de Iemanjá ele já usaria sua pedra (que é verde e se vai buscar no fundo do mar) e assistiria entre os ogãs à iniciação das feitas, das iaôs, que são as sacerdotisas negras.

E com ele o negro Rufino também usaria a pedra de Iemanjá. Se consagrariam de uma vez à dona do mar, à mulher de cinco nomes, mãe deles todos, que um dia, somente um dia em toda a vida, é também esposa. O negro Rufino cantava mesmo, quando com os braços fortes levava a canoa abarrotada de carga pelo rio acima:

Eu me chamo Ogum Delê
Não nego meu naturá
Sou filho das águas claras
Sou neto de Iemanjá…

Era preto retinto, mas saíra das águas claras, Iemanjá era sua avó, mãe de seu pai que fora marítimo como seu avô e os mais velhos cuja memória já se perdera. A festa de Iemanjá se aproxima. Guma irá nesse dia pedir a sua mulher, aquela que se pareça com ela e seja virgem e linda, de deslumbrar esse cais da Bahia de Todos-os-Santos. Porque Rosa Palmeirão já fala em ir embora, em levantar ferros para outras terras. Esperava ter um filho daquele jovem valente, um filho que ela embalaria nos seus braços acostumados a brigas, para quem cantaria cantigas de ninar com seus lábios treinados em palavrões. Mas Rosa Palmeirão esquecera que já era tarde para isso, que ela gastara em barulhos sua mocidade e que só restava nela a ternura que nunca fora gasta, aquela vontade de acarinhar. E, como o filho não vinha, ela iria procurar barulho em outras terras, beber cachaça em outros botequins, viajar nas águas de outros mares. Nunca, porém, antes da festa de Iemanjá, senão não teria bons ventos, encontraria tempestade no seu caminho.

Por isso, porque Rosa Palmeirão vai embora, Guma lembrará a Iemanjá que a hora de lhe dar o prometido chegou. Levará para lhe



Fontes e agradecimentos:

Baba Nathan Lugo, Iya Omitonade, Luiz L Marins, Erick Wolf, Oosa Daara Adisa, Hérick Lechinski, Dra Paula Gomes e Awodélé Ilésire Sówùnmí

https://festasnobrasil.catracalivre.com.br/as-festas/festa-de-iemanja-mais-de-um-milhao-de-devotos-homenageiam-a-rainha-do-mar/Fontes:http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/09/8.-Devo%C3%A7%C3%A3o-a-Iemanj%C3%A1-na-Bahia-de-Todos-os-Santos.htm

Verger, Pierre. Orixás: Deuses iorubás na África e no novo mundo. Ed. Corrupio, 1997.

Amado, Jorge, Mar Morto, Editora Record

Projeto história: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. Edição 28, EDUC – Editoria da PUC/SP, 2004.

Carneiro, Edison. Religiões Negras: notas de etnografia religiosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

Couto, Edilece Souza.Devoção a Iemanjá na Bahia de Todos os Santos. UFBA.

outras fontes foram colocadas no corpo do texto.